

Viagens ao exterior que valem por uma faculdade

Fábio Teixeira

Feira Expo Estude no Exterior traz ao Rio de Janeiro 30 agências, consulados e instituições de ensino oferecendo oportunidades

No ano passado, de acordo com dados retirados das embaixadas que fornecem vistos para estudantes, 160 mil pessoas saíram do País para aprender no exterior. O número pode ser ainda maior, pois não são contados os brasileiros que vão para países que não exigem vistos para uma estada de três meses ou menos. A feira Expo Estude no Exterior trará ao Rio de Janeiro cerca de 30 expositores, entre agências de intercâmbio, consulados e instituições de ensino. No ano passado, a feira recebeu 5 mil pessoas, segundo a diretora do evento, Daniela Ronchetti.

Além dos estandes, a feira terá seminários e palestras com representantes de faculdades estrangeiras no País, para explicar como funciona o ensino no exterior e como se preparar para a viagem. Segundo a diretora operacional da feira, o número de pessoas buscando aprendizado fora deverá ser de 30% a 40% maior este ano. O mais comum na feira é a procura por cursos de idioma.

Os valores são variados, podendo sair por menos de R\$ 3 mil, no caso de cursos intensivos de um mês ou menos, contando já com acomodação, alimentação e material didático. Segundo a diretora, o dólar fraco torna esta a época ideal para ir aos Estados Unidos, ainda o preferido pelos que buscam uma segunda língua. Em segundo lugar aparece o Canadá. Aprender novas línguas, no entanto, não é a única possibilidade.

A feira contará com a presença de universidades de vários países, oferecendo cursos acadêmicos completos, intercâmbio, pós-graduação e MBAs. "Teremos o oitavo melhor MBA do mundo na feira", se vangloria Daniela.

PERFIL. De acordo com ela, estas opções de estudo no exterior atraem outro tipo de visitante à feira. Enquanto o perfil daqueles que buscam intercâmbio e cursos de língua ainda são maioria, tendo em geral entre 18 e 26 anos, os que buscam pós-graduação ou MBAs costumam ter entre 35 e 45 anos. "São pessoas que querem aprimoramento profissional ou até mesmo mudar de carreira", diz Daniela. Entre os cursos mais procurados, Daniela cita turismo, hotelaria e administração, áreas que crescerão bastante com a aproximação dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo.

Embora seja possível organizar a viagem sem recorrer à Expo, é uma boa oportunidade para se tirar dúvidas a respeito do estudo no exterior e até negociar descontos diretamente com a universidade de interesse.

As universidades em geral enviar à feira os diretores de admissão, que têm autoridade para discutir abatimento no preço dos cursos. Daniela afirma que existe esforço por parte das instituições de ensino estrangeiras para garantir estudantes brasileiros, para estimular a diversidade nos campi universitários.

Outra opção é recorrer diretamente aos países para o qual se deseja ir. Haverá agências governamentais dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra, Alemanha e Holanda.

"Vários órgãos de governos concedem bolsas de estudo, principalmente para pós-graduações, sempre tem bolsa." Além dos países citados, haverá universidades da Itália, Nova Zelândia, Irlanda e Espanha.

A questão financeira, preocupação de dez entre dez estudantes, também vai ser abordada. A Expo Estude no Exterior terá consultores para tirar dúvidas sobre como conseguir financiamento para bancar a viagem de estudos. "Vários bancos oferecem financiamento especial para estudo no exterior, entre eles o HSBC e o Banco do Brasil", garante Daniela. Outros temas serão discutidos em seminários para os visitantes.

A recomendação é que se chegue cedo. A entrada nos seminários é gratuita, mas existe limite de espaço. Para entrar na feira basta realizar um cadastro, que pode ser feito pela internet ou na hora.

Para a gerente da Planet Information Brazil no Rio de Janeiro, Sineia Mota, o mercado de trabalho está bom para quem deseja aprender e trabalhar em outros países. A empresa dela, que estará na Expo Estude no Exterior, atende interessados em ir para o Canadá, Nova Zelândia e Austrália.

Para Sineia, quem tem pouco dinheiro e pouco conhecimento de inglês deve buscar a Austrália, pois o país permite que estrangeiros já ingressem aptos a trabalhar até 20 horas por semana.

OPÇÕES. “O estudante geralmente começa a trabalhar no nível do subemprego, conforme o inglês evolui, ele pode até entrar no mercado profissional”, diz Sineia. O salário mínimo na Austrália é de US\$ 10 a hora, mas o salário normal de subemprego – de lavar pratos, servir comida e outras atividades – é de US\$ 15 a US\$ 23. A consultora garante que é o bastante para viver no país, sobrando tempo para estudar, já que é um emprego de meio período.

Como a Austrália tem carência em certos segmentos profissionais, como saúde, construção civil e informática, a dica para quem tem conhecimento em uma destas áreas é tentar a imigração qualificada, que permite um visto de trabalho integral, ao invés do meio período concedido normalmente.

Também é uma opção para quem deseja ficar no país buscar formação técnica em uma destas áreas, o que no futuro pode resultar em visto de permanência.

“Quando ele começar a estagiar em uma empresa, ela pode conceder um visto de trabalho integral. Depois de alguns anos trabalhando ela pode pedir um visto de permanência”, explica Sineia. Ela ressalva que se trata de algo a longo prazo. O processo todo, do subemprego ao mercado profissional, pode levar de quatro a cinco anos.

O Canadá é recomendado para quem tem dinheiro sobrando para se sustentar durante algum tempo. O modelo de estudo e trabalho no país obriga o estrangeiro a passar os três primeiros meses aprendendo, e os últimos três meses do visto podem ser gastos trabalhando.

A partir daí, para continuar no país, o estudante pode buscar pós-graduação ou ensino técnico. Nestes casos o tempo obrigatório de estudo antes do trabalho é de seis meses.

“O perfil do estudante que vai para o Canadá é de alguém mais organizado, ou que conta com o apoio financeiro dos pais”, sintetiza Sineia.

A Nova Zelândia é a melhor opção para quem tem domínio intermediário de inglês. Enquanto nos outros dois países o nível de inglês dos estrangeiros pode ficar no básico, a Nova Zelândia obriga os estudantes a realizar uma prova de inglês para começar a trabalhar. Uma vez passado no teste, no entanto, o sustento no exterior se torna bem mais fácil.

Fonte: Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, 11,12 e 13 mar. 2011, Seudinheiro, p. B16.